



Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma

 **Contribuição à história da recepção filosófica da psicanálise: Tradução e notas da conferência de Carl Müller Braunschweig sobre as relações entre filosofia e psicanálise**

Contribution to the History of the Philosophical Reception of Psychoanalysis: Translation and Notes on Carl Müller-Braunschweig's Lecture on the Relations Between Philosophy and Psychoanalysis

 Caio Padovan

 Lucas Valiati

 Romano Scroccaro Zattoni

Resumo: Este artigo apresenta a tradução comentada da conferência de Carl Müller-Braunschweig (1881-1958) sobre as relações entre psicanálise e filosofia, proferida no V Congresso Internacional de Filosofia em Nápoles (1924). O trabalho contextualiza a obra e a trajetória do autor, discute os principais argumentos da conferência e destaca sua contribuição pioneira para a recepção filosófica da psicanálise. Temas como o determinismo psicanalítico, o problema da liberdade e a possibilidade de uma investigação psicanalítica do pensamento filosófico são abordados.

Palavras-chave: psicanálise; filosofia; Müller-Braunschweig; liberdade; recepção filosófica.

Abstract

This article presents a commented translation of Carl Müller-Braunschweig's (1881–1958) lecture on the relations between psychoanalysis and philosophy, delivered at the 5th International Congress of Philosophy in Naples (1924). The paper contextualizes the author's work and trajectory, discusses the main arguments of the lecture, and highlights his pioneering contribution to the philosophical reception of psychoanalysis. Topics such as psychoanalytic determinism, the problem of freedom, and the possibility of a psychoanalytic investigation of philosophical thought are addressed.

Keywords: psychoanalysis; philosophy; Müller-Braunschweig; freedom; philosophical reception.

1. Introdução

Carl Müller-Braunschweig (1881-1958) foi um psicanalista e filósofo alemão de orientação neokantiana¹, cujas contribuições podem ser consideradas pioneiras no que concerne à recepção filosófica da psicanálise. Logo após defender sua tese sobre Kant, Müller-Braunschweig abdicou de uma trajetória acadêmica convencional, direcionando-se à psicanálise e iniciando estudos em psiquiatria no prestigiado Hospital Charité, em Berlim. Durante as décadas de 1910 e 1920, submeteu-se a análises orientadas por Karl Abraham e Hanns Sachs (Falzeder e Hermanns 2009). Sua trajetória no movimento psicanalítico teve início em 1919, com uma palestra inaugural no *Institut für Sexualwissenschaft*. Pouco depois, passou a participar das reuniões da Sociedade Psicanalítica de Berlim e, em 1922, assumiu a recepção filosófica da psicanálise no interior do movimento psicanalítico (Freitas Pinto e Padovan, 2020). Atuou também no Instituto Psicanalítico de Berlim, onde lecionou e colaborou na formulação do currículo da instituição. A singularidade de Müller-Braunschweig reside em seu esforço de integrar as dimensões epistemológicas e metodológicas da psicanálise e da filosofia, visando contribuições ao ensino, sistematização teórica e à recepção dessa interface disciplinar. O artigo em questão, “Sobre a Relação da Psicanálise com a Filosofia” [*Ueber das Verhältnis der Psychoanalyse zur Philosophie*], foi inicialmente apresentado no V Congresso Internacional de Filosofia, evento promovido pela Sociedade Italiana de Filosofia e sediado na cidade de Nápoles, entre os dias 5 e 9 de maio de 1924. O texto foi publicado nos anais do congresso, e mencionado em uma longa nota sobre o evento, escrita para a importante revista filosófica alemã, a *Kant-Studien* (Sztern 1924); posteriormente, uma reimpressão desse trabalho veio à público, abrindo o décimo-primeiro volume da revista psicanalítica *Imago*². O texto apresenta-se como uma contribuição relevante à compreensão da interação entre filosofia e psicanálise no contexto do movimento psicanalítico dos anos 1920. Em uma abordagem de caráter introdutório e programático, Müller-Braunschweig propõe uma análise epistemológica acerca dos conceitos e métodos da psicanálise, ao mesmo tempo em que revisita discussões iniciadas na década de 1910, como a protagonizada por Putnam, Ferenczi e Reik sobre o reducionismo naturalista, reinterpretando-a sob

¹ O neokantismo, enquanto movimento filosófico restaurador, caracteriza-se fundamentalmente pela tentativa de reabilitar o pensamento kantiano após a derrocada do idealismo alemão. A historiografia filosófica, contudo, apresenta divergências significativas quanto à sua categorização e subdivisões. De acordo com a influente contribuição de Überweg e Österreich (1923) haveria sete correntes distintas: a Escola do Sudoeste Alemão ou Escola de Baden (Windelband, Rickert, Lask); a Escola de Marburg (Cohen, Natorp, Cassirer); a abordagem realista de Alois Riehl; as tendências particulares de Liebmann e Volkelt); a vertente fisiológica (Helmholtz, Lange); a transformação relativista da filosofia crítica (Georg Simmel); a variante psicologista que remonta a Fries (Nelson, Cornelius).

² Müller-Braunschweig (1925). *Über das Verhältnis der Psychoanalyse zur Philosophie*: Vortrag auf dem Fünften Internationalen Kongreß für Philosophie. Neapel, Mai 1924, *Imago*, 11, 1-13.

uma ótica neokantiana. Além disso, o texto aborda as questões do determinismo causal e da liberdade moral, tendo como referência o experimento psicanalítico e seus conceitos, reafirmando sua importância na análise das bases psicológicas e epistemológicas do pensamento filosófico. A intervenção do filósofo alemão pode ser vista como um marco precursor dos desenvolvimentos que mobilizariam em larga medida a filosofia do século XX. Sua obra, tanto no texto submetido ao congresso quanto no conjunto mais amplo de sua produção intelectual, constitui um ponto de interesse e relevância para o estudo da recepção filosófica da psicanálise, cuja investigação permanece insuficiente na literatura especializada. Neste contexto, não há dúvidas de que um estudo rigoroso deste artigo, juntamente com a análise da obra e do ensino de Müller-Braunschweig, constituiria uma etapa fundamental para o aprofundamento da compreensão histórica da recepção filosófica da psicanálise³.

2. Sobre a relação da psicanálise com a filosofia

Conferência realizada no V Congresso Internacional de Filosofia. Nápoles, maio de 1924.

Por Dr. Carl Müller-Braunschweig (Berlim)

A psicanálise é uma ciência empírica. Nesse sentido, já de saída ela tem tão pouco a ver com a filosofia quanto qualquer outra ciência empírica, como a física ou a química. Ela não pode criar seu objeto ou concebê-lo *a priori* a partir de si mesma, os dados da experiência lhe são fornecidos pelo objeto, aqui os processos psíquicos.

Mas claro, na medida em que toda ciência não representa apenas uma coleção de observações e de experiências, tendo também por tarefa integrá-las em um todo coerente de conceitos – tarefa que chamamos de filosófica – a filosofia se encontra também incluída na psicanálise, o que nos leva a dizer que toda ciência somente é ciência na medida em que há nela filosofia.

O criador da psicanálise, Freud, sempre insistia no caráter empírico dessa ciência, e exigia que todas as construções teóricas de base oriundas da experiência deveriam ser abandonadas e substituídas por outras novas⁴, tão logo novas observações e experiências o exigissem⁵.

³ Para uma introdução mais aprofundada sobre o autor e o artigo em questão, Cf. Padovan (2024).

⁴ Em 1923, um ano antes da conferência de Müller-Braunschweig, Freud havia feito afirmações muito semelhantes em seu verbete “Psicanálise” – em particular no tópico “A psicanálise como ciência empírica” (p. 383) – publicado no dicionário de ciência sexual de Max Marcuse. Cf. Freud, S. (1923). Psychoanalyse. In: M. Marcuse (Org.). (1923). *Handwörterbuch der Sexualwissenschaft: Enzyklopädie der natur - und kulturwissenschaftlichen Sexualkunde des Menschen*. (pp. 377-383). Bonn: A. Marcus & E. Webers.

⁵ O surgimento do neokantismo pode ser compreendido como uma resposta à crise da filosofia, caracterizada, entre outras coisas, pela ausência de um objeto de investigação delimitado e pela carência de um método de pesquisa rigoroso e

Perguntemo-nos então, mais uma vez, onde se encontrariam mais exatamente psicanálise e filosofia. Toda ciência, em seu esforço de organizar conceitualmente o conjunto de suas experiências, chega a conceitos fundamentais que, a partir de um dado momento, não podem ser mais esclarecidos empiricamente, sendo acessíveis apenas por meio da reflexão conceitual e nos conduzindo à epistemologia. A psicanálise também conhece conceitos desse tipo, como os de tendência e de energia psíquica. Em contrapartida, conceitos como os de libido e de inconsciente são conceitos empíricos.

Outro ponto de contato com a filosofia é, em toda ciência, a crítica de seus métodos. No caso da psicanálise, o “experimento psicanalítico”⁶ [das “*psychoanalytische Experiment*”] está no centro dessa crítica.

O estudo das relações entre a psicanálise e as outras ciências, por exemplo a biologia, a sociologia, a ética, pode igualmente ser considerada como uma tarefa filosófica.

Um velho problema central da filosofia se coloca quando consideramos o determinismo da psicanálise. A determinação contínua de todos os atos psíquicos e, mais amplamente, do destino da pessoa adulta nos coloca diante do problema da “liberdade”, do problema da relação entre as perspectivas da ciência natural e da filosofia da cultura, ou ainda da causalidade genética e dos valores.

Além de todas essas relações da psicanálise com a filosofia, há aquela onde o pensamento filosófico e o filósofo se tornam objeto de pesquisa para a psicanálise. A questão é a seguinte: a psicanálise pode lançar luz sobre as condições nas quais alguém se torna filósofo, e por que ele vem a produzir certa filosofia e não qualquer outra?

Antes de entrar em algumas dessas questões que acabo de elencar, seria útil esboçar rapidamente a base do edifício intelectual da psicanálise, pois não posso partir do princípio de que todos aqui estejam suficientemente familiarizados com a psicanálise.

empírico. Com efeito, a emancipação das ciências empíricas no final do século XIX e começo do XX, como a psicologia, colocou em questão o papel da filosofia. Frente a isso, o neokantismo estabelecerá um importante compromisso com o campo da epistemologia [*Erkenntnistheorie*], que passará a ser entendida como uma disciplina fundamental, tanto para a filosofia quanto para as demais ciências (Krijnen, 2015, p. 113). Assim, para a maioria dos neokantianos, a filosofia começará a ser tomada como um instrumento para determinar a validade da estrutura da experiência. Todas essas questões, que atravessam o pensamento neokantiano, parecem encontrar ressonância na maneira como Müller-Braunschweig interpreta e apresenta a psicanálise.

⁶ Em 1920, Müller-Braunschweig publicou um breve artigo intitulado “Sobre as dificuldades da assimilação da Psicanálise Freudiana” [*Über die Schwierigkeiten in der Aneignung der Freudschen Psychoanalyse*]. Nele, o autor analisa os motivos da limitada difusão da psicanálise nos círculos médicos, apesar de seu desenvolvimento notável, apontando neste sentido três principais dificuldades: 1) a transição de uma abordagem científica do profissional, comumente formado num ambiente naturalista, para uma introspecção sobre processos psíquicos; 2) a exigência de longa prática no “experimento psicanalítico” para alcançar resultados empíricos convincentes; 3) a necessidade de submissão a uma autoanálise prévia. Essas, segundo Müller-Braunschweig, seriam as barreiras que frequentemente envolvem as dificuldades de disseminação e apropriação da psicanálise (Müller-Braunschweig, 1920).

Nada é tão difícil de apresentar de maneira puramente teórica quanto a psicanálise, uma vez que ela se baseia, essencialmente, sobre um experimento que não pode ser demonstrado de fora, mas que precisa ser vivenciado por si mesmo. Isso que por razões epistemológicas e metodológicas costumo chamar de “experimento” (também a fim de chamar a atenção para a base “experimental” da psicanálise) é idêntico ao tratamento psicanalítico, à prática da análise a qual não apenas os doentes mentais e nervosos, mas também os “saudáveis” podem, e mesmo devem, se expor caso queiram entrar de cabeça na ciência psicanalítica.

Esse experimento baseia-se em uma regra fundamental bastante simples de descrever, mas não tão fácil de seguir: deixar-se levar pelo fluxo de pensamentos e de ideias e dizer ao analista tudo o que se passa pela cabeça, sem exceção, mesmo que pareça irrelevante, sem sentido, que não tenha a ver com o assunto, que seja vergonhoso ou indiscreto. Em suma, dizer tudo e não se deixar silenciar por objeções críticas que venha a se opor às ideias que lhe ocorrem⁷.

Seguindo essa regra, constata-se que, após um tempo mais ou menos longo durante a sessão, o fluxo de ideias do analisando começa a vacilar. Chega-se ou a uma resistência contra a aparição de outras ideias que é perceptível subjetivamente ao próprio analisando, ou a uma resistência que o analista deve ser capaz de identificar enquanto tal a partir de sua experiência, mesmo que ela não seja subjetivamente perceptível ao analisando.

Prestem atenção aqui a um fenômeno significativo: o analisando mostra uma clara resistência face a um material que não parece justificar esta recusa. Ele pode não vir a dizer coisas que parecem absolutamente triviais. Ele explica: por que devo falar sobre isso, de coisas tão insignificantes. Rapidamente ele se mostra pronto a não levar realmente a sério a regra fundamental que lhe foi imposta, deixando-se levar por um pensamento crítico, neste caso de que a ideia é “insignificante”, que o faz não a comunicar.

Com alguma frequência, resulta que suas ideias aparentemente triviais não são o material propriamente dito, contra o qual a resistência se dirige, mas sim pertencem por associação a um material que, se fosse consciente, seria compreensivelmente recebido com desagradável rejeição por parte da consciência.

⁷ Encontramos uma longa descrição do procedimento em questão no artigo técnico de Freud “Sobre o início do tratamento”. Cf. S. Freud (1913). *Weitere Ratschläge zur Technik der Psychoanalyse. I. Zur Einleitung der Behandlung*, *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, 1(1), 1-10; (2) 139-146. Uma primeira referência explícita à regra da livre associação se encontra em Freud, S. (1898). *Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit*, *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 4(6), 436-443.

Se, por exemplo, uma analisanda revela com alguma hesitação a ideia de que acabou de pensar na mulher que lhe traz o leite pela manhã, e sublinha ser completamente indiferente a essa mulher, não nos é possível neste caso entender essa resistência. No entanto, se a analisanda, ao preço de uma resistência constante, de hesitação e vacilação, passa dessa ideia a uma lembrança de que essa mulher lhe havia contado como ela apanhou do marido, e se a analisanda segue ainda com a antiga lembrança de uma semelhante e impactante vivência com o próprio marido, de quem ela se divorciou há alguns anos, então a resistência se torna imediatamente compreensível.

O que é significativo nesse resultado do experimento psicanalítico, é que devemos reconhecer que podemos sentir fortemente uma resistência, uma recusa em relação a algo sem saber exatamente do que se trata. A resistência da analisanda já está presente antes que ele possa saber contra o que ela se dirige, de modo que a lembrança deve já estar latente, do contrário como poderia ela ter um tal efeito? Estamos então aqui na presença do “inconsciente”, da prova experimental que as representações podem ser inconscientes e produzir nesse estado os mesmos efeitos que em estado consciente.

O experimento psicanalítico, que acabamos de descrever aqui brevemente em função de sua condição, a “regra fundamental da psicanálise”, e que na sequência abordamos de uma determinada forma, tematizando a resistência às representações inconscientes, está então na base de toda pesquisa psicanalítica. Das observações de associações que ele fornece resultou uma quantidade enorme de relações até então desconhecidas, entre a vida mental, a vida imaginária, a vida afetiva e a vida pulsional.

Gostaria agora de destacar brevemente algumas características dos domínios de conhecimento da psicanálise. Determinantes para formação do destino físico, psíquico e espiritual do indivíduo é a constelação e o desenvolvimento de suas pulsões e de suas outras tendências que podemos qualificar de pulsionais, que são dadas pela sua constituição e influenciadas pelas experiências decisivas da infância⁸. Dentre essas pulsões e essas tendências, ganham destaque no experimento analítico as aspirações [*Strebungen*] hostis e libidinais. São elas que constituem principalmente o conteúdo do material contra o qual se dirige a resistência descrita há pouco. A instância psíquica que se põe em confronto com essas aspirações foi denominada pela psicanálise de Eu [*Ich*]; diante dele se encontra aquilo que Freud chamou recentemente de Isso [*Es*], enquanto encarnação do Eu psíquico global, a

⁸ O autor traz nesta passagem a noção freudiana de constituição, trabalhada inicialmente nos termos da chamada “equação etiológica” e, mais tarde, a partir da ideia de “séries complementares”. A este respeito, ver o comentário de Winograd, M. (2007). Disposição e acaso em Freud: uma introdução às noções de equação etiológica, séries complementares e intensidade pulsional no momento, *Natureza humana*, 9(2), 299-318.

partir do qual o Eu se desenvolveu formando uma instância separada, mas do qual provêm as aspirações que ele deve combater. Ele defende-se de tais aspirações, dentre outras formas, pelo processo de recalque, cujo efeito consiste em fazer com que ele nada saiba dessas tendências que o importunam, ou de elementos mnêmicos [*Erinnerungsmaterial*] que contêm tais aspirações. Esse recalque fracassa, não sendo considerado uma superação bem-sucedida, quando o material recalçado reaparece como formação substitutiva – não sendo assim reconhecido pelo Eu, razão pela qual o importuna –, por exemplo um sintoma neurótico. Na medida em que o tratamento psicanalítico torna consciente esses conteúdos não superados, ele cria condições para um novo confronto com elementos não elaborados e, por consequência, para a liberação de energia psíquica e pulsional antes represada.

As pulsões libidinais são particularmente importantes para o desenvolvimento normal ou desviante do indivíduo como um todo. É fundamental saber quanto dessa energia segue o curso normal do desenvolvimento e quanto dela não o faz. O conceito de libido em psicanálise é mais amplo que o conceito popular, no entanto, não poderei abordar esse tema aqui com mais profundidade. Vou me limitar a dizer apenas que essa versão mais ampla é de natureza empírica e não especulativa. Mostrou-se correto englobar nesse termo não apenas as aspirações diretamente ligadas à satisfação genital, mas também o desejo amoroso que se abstém desse tipo de satisfação e que podemos qualificar de “terno” ou de inibido quanto à sua meta, visto que ele encontra sua gênese naquele primeiro tipo de satisfação. Ademais, verifica-se também que a mesma libido se exprime nas sensações de prazer em todas as outras partes do corpo. A ligação se estabelece pelo fato de que a tendência à libido genital se apresenta como o produto final de um desenvolvimento que já pode ser observado logo após o nascimento e que se manifesta em um primeiro momento em uma sensibilidade ao prazer difusa que se estende a todo o corpo, envolvendo, entre outras partes, a boca, o ânus e a uretra, se concentrando nas partes genitais apenas mais tarde, com a puberdade.

Grosso modo, o desenvolvimento das pulsões libidinais e outras tendências seguem as seguintes linhas de desenvolvimento [*Entwicklungslinien*]:

Do autoerotismo difuso	à libido genital
Da libido (sensual ou não) dirigida ao próprio Eu (do Narcisismo)	à libido dirigida ao objeto.
Da maior ou menor hostilidade contra o objeto	à capacidade de consideração em relação ao objeto.

De ser principalmente governado pelas tendências pulsionais em geral ou pela tendência a ter prazer e evitar o desprazer	a uma maior capacidade de domar as pulsões e à capacidade aceitar temporariamente o desprazer diante das exigências da realidade e de renunciar ao prazer.
--	--

A maneira como o Eu lida com as relações precoces de objeto amoroso é de particular importância para o desenvolvimento do indivíduo como um todo. Esses objetos amorosos precoces coincidem sempre – quando estes se fazem presentes – com os pais e irmãos.

Para que o indivíduo maduro seja capaz de escolher e de conquistar um objeto amoroso extrafamiliar e de desenvolver com ele uma troca amorosa satisfatória a nível físico e espiritual, deve para isso poder subtrair sua libido, em quantidade suficiente, da relação com pais e irmãos e transferi-la para um objeto extrafamiliar.

Mas isso muitas vezes não ocorre, dando origem a derivas significativas no desenvolvimento [*bedeutenden Fehlentwicklungen*], não apenas no domínio propriamente amoroso, mas em todas as áreas da vida.

Fixações demasiadamente intensas nas zonas e constelações pulsionais pré-genitais, bem como nos objetos amorosos familiares, conduzem a perversões, a neuroses ou a malformações caracteriais [*Charakterverbildungen*]. Ou então a desenvolvimentos que não se expressam como perversão ou neurose, mas sim por uma formação psíquica ou espiritual *particular*, como aquela do artista, fenômenos altamente valorizados no plano cultural.

A fase da primeira infância na qual predomina o vínculo com os pais, deve ser entendido como uma etapa especialmente crítica [*schwierige Klippe*] do desenvolvimento. Nela ocorre o que a psicanálise chama Complexo de Édipo. Ele inclui constelações pulsionais [*Triebkonstellation*] críticas. A criança desenvolve com esse complexo não apenas uma relação de amor com ambos os pais, mas também uma relação especialmente positiva com o pai do sexo oposto e uma relação negativa, de rivalidade e ódio, com o pai do mesmo sexo. Muita coisa depende de até que ponto a criança consegue, sem recalque patogênico, não apenas desapegar-se dos pais, mas também superar as aspirações hostis contra o genitor do mesmo sexo.

Com muita frequência, os caminhos que conduzem às acima mencionadas derivas no desenvolvimento implicam a retirada do ódio e do amor dos objetos familiares reais, mas não de modo a superar os sentimentos hostis ou transferir os positivos para outros objetos, mas sim de

maneira a se afixar [*heften*] nas *imagens de fantasia* [*Phantasiebilder*] dos objetos familiares e, junto dessas *imagens de fantasia* (das *Images*)⁹, se entregarem ao recalque, tornando-se assim inconscientes.

A psicanálise chama esse processo de introversão [*Introversion*]¹⁰. A introversão pode conduzir à neurose, mas não necessariamente. Ao se afastar dos objetos amorosos reais, ela leva inicialmente a um afastamento mais ou menos radical do mundo exterior em geral, criando as condições de possibilidade em termos de constelação pulsional para todo ser voltado para o interior. Mas adiante falarei da importância disso para a filosofia.

Gostaria de interromper aqui o esboço de alguns elementos de teoria psicanalítica, o qual lhes trouxe para lembrá-los um pouco sobre a psicanálise, e parto enfim para a abordagem, não menos abreviada, do real tema desse escrito. Eu havia mencionado na introdução que a psicanálise, como qualquer outra ciência empírica, torna-se filosofia quando se propõe a discutir seus métodos e seus conceitos fundamentais. Ambos os temas seriam de interesse, mas pretendo deixar isso de lado hoje para não abusar da paciência de vocês. Há quatorze dias, em Salzburgo, no VIII Congresso Internacional de Psicanálise¹¹, tentei apresentar uma série de tendências como conceitos básicos da psicanálise e criticá-las conceitualmente¹². Chamaria especialmente a atenção para a tendência a

⁹ No original: “*Phantasiebildern (den Images)*”. *Images* é o plural de *Imago* em latim. O termo, derivado do latim “imagem”, foi introduzido por Carl Gustav Jung para designar a representação inconsciente que um sujeito tem de figuras parentais, como mãe ou pai. Inspirado pelo romance “*Imago*”, de Carl Spitteler (1906), que narrava a criação de uma mulher idealizada para preencher fantasias, Jung incorporou o conceito à psicanálise, para depois desenvolvê-lo em sua própria teoria. Na psicanálise, embora Freud tenha utilizado o termo esporadicamente, sua adoção tornou-se mais comum entre outros psicanalistas posteriores, notadamente Melanie Klein e Jacques Lacan. Müller-Braunschweig parece utilizar *Phantasiebildern*, que considera como sinônimo de *images*, como representações psíquicas que combinam elementos da memória com desejos. Em Freud, observamos a ocorrência do termo na apresentação da novela *Gradiva*: „*wir finden uns angesichts der Erscheinung der Gradiva, die bisher ein Stein- und dann ein Phantasiebild war, nicht zurecht*“ (Freud, 1907/1969, p. 21). A noção, nesse contexto, assume um caráter mais amplo, sendo passível de interpretação como uma manifestação fantasmática vinculada à fantasia ou como expressão de um mero ato imaginativo. Não obstante, em *Introdução ao Narcisismo* (1914) o uso se encontra mais vinculado a um conceito estrito: „*über die Existenz der von Gesunden wie von Neurotikern bekannten Komplexe und über die Ähnlichkeit ihrer Phantasiebildungen mit den Völkermymen*“ (Freud, 1914/1975, p. 48).

¹⁰ Freud havia discutido o tema da introversão em 1912, no artigo “Tipos de adoecimento neurótico”. Segundo o autor, esse mecanismo conduz a um “afastamento da realidade, que perdeu o seu valor para o indivíduo através da negação persistente, e volta-se para a vida de fantasia, na qual cria novos desejos e revive os vestígios de desejos anteriores esquecidos” (p. 298). Cf. Freud, S. (1912). Über neurotische Erkrankungstypen. *Zentralblatt für Psychoanalyse*, 2(6), 297-302.

¹¹ O VIII Congresso Internacional de Psicanálise, realizado entre os dias 21 e 23 de abril de 1924, em Salzburgo, Áustria, marcou um retorno ao local do primeiro congresso, ocorrido em 1908. Sob a presidência de Ernest Jones, o evento reuniu importantes contribuições de figuras notáveis, incluindo Helene Deutsch, Hanns Sachs, James Glover, Sándor Rado, Melanie Klein, Wilhelm Reich, Ernst Simmel, Theodor Reik e Siegfried Bernfeld. Embora Freud tenha se ausentado devido a problemas de saúde, a relevância das apresentações foi destacada em um relatório detalhado elaborado por Karl Abraham, publicado no *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* (vol. 10, 1924, pp. 211-228).

¹² Em sua apresentação de 22 de abril intitulada “Crítica de algumas tendências fundamentais dos eventos mentais” [*Kritik einiger Grundtendenzen des seelischen Geschehens*], Müller-Braunschweig, conforme relato de Karl Abraham (1924), utilizou o método crítico de distinção e comparação conceitual [*kritischen Methode begrifflicher Unterscheidung und*

repetição, cuja importância foi atestada pela prática analítica – afinal, todo tratamento [*Kur*] psicanalítico é caracterizado por uma tal repetição de atitudes infantis provocada experimentalmente – e a tendência da regressão, do retorno a fases do desenvolvimento normalmente superadas. A observação dessas tendências nos leva muito além do psíquico e nos permite integrar a concepção psicanalítica [*psychoanalytische Bild*] do desenvolvimento individual na mais abrangente história de desenvolvimento dos organismos em geral.

Disse também ao introduzir nosso tema que conceitos como “libido” e “inconsciente” não fazem propriamente parte de tais conceitos fundamentais, visto que emergem de um vasto campo empírico, possuindo conteúdo empírico. No entanto, muito poderia ser dito a este respeito, sobre o quão longe poderíamos ir com eles recaindo nas piores especulações e até que ponto se pode e se deve, a partir deles, avançar em direção aos verdadeiros conceitos fundamentais.

Mas como havia dito, não pretendo hoje abordar todas essas questões que conduzem da psicanálise à filosofia, limitando-me aos seguintes temas:

1) A relação entre o determinismo da psicanálise e o problema da “liberdade”, da “cultura” e da “moral”¹³.

2) O filósofo e a filosofia como objeto de investigação psicanalítica.

Primeiramente, então: como se relaciona o determinismo da psicanálise com o problema da “liberdade”, da “moral” e da “cultura”?

A partir do experimento psicanalítico, vemos o ser humano como determinado, em todos os seus atos mentais [*geistige Akte*], por certas constelações afetivas e pulsionais, por processos que são inconscientes para ele. Nós o tomamos ainda, em todas as suas reações, como o produto de um certo desenvolvimento infantil.

Vergleichung] às diversas tendências [*Tendenzen*] do funcionamento psíquico. Ele abordou não apenas as tendências do princípio do prazer-desprazer, como também tendências de inércia, repetição, regressão, desenvolvimento [*Entwicklung*] e adaptação [*Anpassung*]. Defendeu a centralidade do “princípio de ligação” [*Bindungsprinzip*] na mediação conflituosa entre o Id e Ego e na gênese de fenômenos normais e patológicos; para então argumentar por uma nova interpretação dos fenômenos de projeção e introjeção. A apresentação concluiu com reflexões acerca das relações entre as tendências psíquicas e sua ancoragem orgânica, explorando as limitações das inferências sobre o desenvolvimento biológico a partir de achados psicanalíticos.

¹³ O autor possui outros dois textos precedentes que tratam da moral e de sua origem psicogenética (Müller-Braunschweig, 1920a; 1921). Um deles se mostra esclarecedor conceitualmente: “Entendemos como moralidade o fato psíquico de que o ser humano se submete a convenções, leis, máximas e ideais, deixando que estes determinem suas ações. Não consideraremos, neste contexto, o grau de uniformidade ou divergência na formulação de tais ideais entre grupos sociais, povos, épocas ou mesmo entre indivíduos. [...] Para nossa análise, basta reconhecer que, apesar da diversidade de conteúdo dos ideais entre grupos, épocas e indivíduos, eles coincidem formalmente no sentido de estarem vinculados a algum tipo de representação do que ‘deveria ser’ [*sein sollte*] e na tentativa de agir de acordo com essas representações” (Müller-Braunschweig, 1920a, p. 218).

A psicanálise nos mostra que a voz da consciência moral é derivada de uma voz anteriormente vinda de fora, da voz dos pais e dos educadores, mais especialmente do pai. Contudo, não é apenas ontogeneticamente que a consciência moral nos parece determinada. Muito pelo contrário, os estudos comparativos dos resultados da análise individual e dos sistemas sociais e religiosos dos povos primitivos (do totemismo e do tabuísmo) levaram-nos à convicção de que esta interiorização da voz de comando paterna, tal como surge na análise individual, já se encontra determinada filogeneticamente [*stammesgeschichtlich*]. A consciência moral é o precipitado [*Niederschlag*] da voz daqueles que exercem o poder desde fora, em particular da liderança construída na horda primeva ou do pai da horda primeva.

Nesse sentido, a prática analítica revelou ainda que um processo significativo ocorre na infância: a atitude originalmente hostil que cada criança sente inicialmente em relação aos seus irmãos – especialmente em relação aos que nascem depois – como rivais naturais no amor dos pais, se transforma reativamente em amor, em um processo que é importante para o desenvolvimento de atitudes morais e sociais e que, por sua vez, tem a sua pré-história [*Vorgeschichte*] filogenética.

No mesmo sentido vão as descobertas que mostraram que qualidades como ordem e limpeza, descritas como culturais, se desenvolvem reativamente a partir de tendências opostas e mais arcaicas, ligadas a um prazer precoce associado à sujeira; assim como a piedade, que se desenvolve de maneira reativa a partir de uma tendência infantil à violência e à crueldade.

Vemos em toda parte que a criança passa por etapas seguindo linhas de desenvolvimento que já se tornaram imanentes e foram adquiridas ao longo da história filogenética [*Stammesgeschichte*] com devido a influências externas, florescendo em direção a metas cujo conteúdo coincide com aquele das exigências culturais e morais.

A diferença entre a abordagem psicanalítica, próxima das ciências naturais, e a ética¹⁴ é bastante evidente. Trata-se na psicanálise da descoberta de um dado [*Vorgefunden*], de uma ciência do ser [*Seins-Wissenschaft*]¹⁵, ao passo que a moral coloca *exigências* e a ética representa uma ciência daquilo que *deve* ser.

¹⁴ Para o movimento neokantiano, o campo da ética apresenta-se como esfera privilegiada de investigação filosófica. Isso na medida em que manifesta, de modo exemplar, a questão central da mediação entre os aspectos universal e particular, notadamente na relação entre legalidade *a priori* e determinação individual. Ademais, para eles, a ética não se configura como domínio teórico autônomo em relação à teoria do conhecimento (Centi, 2015, pp. 127-128).

¹⁵ No livro IV (Γ) da Metafísica de Aristóteles: “Há uma ciência que especula sobre o ser enquanto ser e o que lhe pertence por ele mesmo” (Met. IV 1, 1003a21-24) (2024, p. 69). Adiante, no livro VI, lê-se: “Porém, se houver alguma essência móvel, a ciência que dela se ocupa será anterior, isto é, Filosofia primeira e, sendo assim, universal, já que primeira. E a ela competiria especular a respeito do ser, bem como do que é e dos predicados que lhe pertencem enquanto ser” (Met. VI 1, 1026a29-33) (2024, p. 134). Assim, o termo “ciência do ser” pode ser utilizado para descrever a abordagem aristotélica da “Primeira filosofia”, onde a metafísica é vista como a ciência que estuda o ser enquanto ser e as causas

Eis então a velha questão: há lugar para a “liberdade” da ação moral (cultural)¹⁶ em uma abordagem determinística? Acredito poder responder a essa questão dizendo que não estamos diante de uma contradição insolúvel, mas de duas perspectivas igualmente necessárias e justificadas, uma tomando os eventos de maneira causal, outra do ponto de vista dos valores, buscando a partir daí modificá-las ativamente.

O mundo dos valores não será de modo algum afetado se, ao mesmo tempo, em vez de querermos realizá-los, nós os consideremos de um ponto de vista genético, entendendo assim que eles também possuem história¹⁷ e que são em última instância produto de uma necessidade externa. A aparente contradição entre causalidade e liberdade se resolve a partir do reconhecimento de dois pontos de vista necessários: o causal e o dos valores¹⁸.

primeiras. “Seins-Wissenschaft” pode referir-se à disciplina que investiga os fundamentos e as condições de possibilidade do ser enquanto tal (*das Sein als solches*). Embora ontologia e “ciência do ser” sejam comumente tratados como sinônimos, esta não é uma regra universal e sua similitude ser verificada historicamente. No presente contexto e na esteira do neokantismo, o autor contrapõe a “ciência do ser” com a “ciência do dever-ser” [*Wissenschaft des Seinsollenden*], articulando analogamente psicanálise e ética; assim, o dado [*Vorgefunden*] encontrado pelo método psicanalítico parece ser considerado como um “ser enquanto tal”, portanto, de caráter distinto ao de uma “ciência do dever-ser”. Krijnen (2015, p. 113) oferece o pano de fundo intelectual para esta compreensão: “Com a morte de Hegel, sua filosofia e a concepção hegeliana da unidade entre facticidade e significado, entre razão e realidade, também se dissiparam. Como consequência, o tema influente da ‘visão de mundo’ (*Weltanschauung*), sugerindo uma perspectiva situada sobre a totalidade, pôde surgir e se popularizar, ao mesmo tempo em que diferentes formas de naturalismo e reducionismo científico, que evocavam a perda de significado e da riqueza e profundidade da vida, ganharam força. O espectro do niilismo, de um vazio metafísico, começou a se manifestar. Esse pano de fundo espiritual já aponta para o neokantismo: o neokantismo procura superar o abismo pós-idealista entre o ‘ser’ [*is*] e o ‘dever-ser’ [*ought*] descrito anteriormente”. Cumpre notar, todavia, que as diferentes vertentes do neokantismo oferecem soluções distintas à questão do *ser* e do *dever-ser*.

¹⁶ No neokantismo, especialmente na Escola do Sudoeste Alemão (Wilhelm Windelband, Heinrich Rickert, Emil Lask, Bruno Bauch, Jonas Cohn, entre outros), a filosofia é concebida como uma filosofia dos valores, entendidos como elementos fundamentais para a orientação humana. Nesse contexto, a filosofia dos valores assume o caráter de uma filosofia da cultura (Krijnen, 2015, p. 111). Rickert, por exemplo, define *cultura* como o conjunto de objetos dotados de valor universal, criados ou reconhecidos pela atividade humana com base em critérios de valoração. Esse conceito vincula-se ao modo como os humanos atribuem sentido e importância a determinados aspectos da realidade, desse modo, estão vinculados a uma espécie de individualidade; como a noção de ciência idiográfica de Windelband, em contraposição a nomotética (Cf. Páez, 2023, pp. 158-165), ainda que no caso de Rickert carregada com a noção de valor. Para esta escola, frequentemente a ideia de *Weltanschauung* encontra-se imbricada com a noção de validade de valores. Müller-Braunschweig (1930) proferiu uma palestra sobre o tema da “visão de mundo” à Sociedade Psicanalítica Alemã em data próxima às *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1932), onde Freud trata do assunto.

¹⁷ As duas principais escolas neokantianas alemãs, a Escola de Baden (ou do Sudoeste) e a Escola de Marburgo, abordaram a história de maneiras distintas em suas análises filosóficas. A Escola de Baden, representada por Windelband e Rickert, considerava a história como um problema lógico relacionado à unidade do conhecimento humano, buscando elucidar as diferenças metodológicas entre as ciências naturais [*Naturwissenschaften*] e as ciências do espírito [*Geisteswissenschaften*] através de uma crítica filosófica (conceitos históricos seriam conceitos necessariamente individualizantes). Por outro lado, a Escola de Marburgo, com Cohen, Natorp e Cassirer, adotou uma abordagem mais profunda, não tratando a história como uma ciência independente, mas como um elemento intrínseco à própria atividade do pensamento, considerando que o raciocínio só pode ser compreendido através de suas manifestações históricas concretas (Kim, 2015, pp. 39-58). A *história*, tal como delimitada por Müller-Braunschweig, parece incorporar um viés filosófico relevante, servindo como um indicador significativo para a constituição dos valores.

¹⁸ Neste ponto, poder-se-ia considerar a polaridade *fatos* e *valores*, questão central para uma vertente de neokantianos que inclui Windelband, Rickert, Emil Lask, Bruno Bauch, Jonas Cohn, etc (Krijnen, 2015, p. 111). Embora cada um de maneira particular, em alguma medida todos eles estavam preocupados em esclarecer a relação entre: a) fatos (ser): descrições do mundo tal como ele é; e, b) valores (dever-ser): normas e princípios éticos que orientam a ação humana.

Se encararmos a cultura do ponto de vista genético e a partir do conhecimento que temos das funções pulsionais, em particular da libido, ela se mostrará a nós como um produto do recalque, como um domínio que se destacou dos estímulos pulsionais primitivos.

A tendência à espiritualidade e a um aperfeiçoamento sempre maiores aparece então para nós como derivada de uma fuga da libido, mais precisamente como uma fuga diante de uma tendência que se opõe ao processo de sublimação, e que nos impulsiona a uma satisfação primitiva. Não parece ser possível converter toda quantidade de energia sexual primitiva em formas de energia cultural, e a pessoa que acredita poder renunciar completamente a ela permanece eternamente insatisfeita e deve carregar sua insatisfação em todas as suas aspirações culturais.

Lancemos ainda um olhar sobre o conceito de “desenvolvimento”, tal como ele se apresenta para a psicanálise. Ela concebe o desenvolvimento apenas no sentido de um organismo forçado a mudar sob a pressão de necessidades externas. Se um desenvolvimento imanente se manifesta na vida individual, vê-se aí apenas a repetição ontogenética do caminho de desenvolvimento imposto pelas forças externas ao longo do desenvolvimento filogenético.

Daí resulta que uma pessoa que perdeu o contato com o mundo exterior pode ser guiada durante algum tempo pela tendência de desenvolvimento adquirida filogeneticamente, mas não poderá manter isso [*stagnieren*] a longo prazo porque lhe falta o impulso mais poderoso, a necessidade de viver. O neurótico, que se caracteriza por um afastamento da realidade com base nos motivos acima descritos, recorre também à cura analítica, e através dela, após elaborar todos os fatores que o afastaram do mundo exterior, é reconduzido a ele, ganhando assim mais saúde, vitalidade e funcionalidade.

Rickert, por exemplo, define o par “realidade-valores” para investigação do mundo: tudo o que existe é real (físico ou psíquico) ou válido (uma configuração de significado que exibe alguma relação com um valor e é carregada por um ente real) (Staiti, 2015, p. 36). Para esses neokantianos, era essencial fundamentar a normatividade de maneira objetiva, mas sem reduzir o *Sollen* ao domínio do *Sein*, evitando assim o chamado erro (ou redução) naturalista – a ideia de derivar o dever-ser diretamente do ser. Para Rickert, por exemplo, a teoria dos valores é essencial para a compreensão da realidade, ainda que seja distinta desta (Oakes, 1988, pp. 95-156). O fulcro da discussão desloca-se da análise da validade e do estatuto de valores tradicionais para uma reflexão mais ampla no âmbito da concepção pós-idealista, que interpreta a realidade como essencialmente desvinculada de valores e significação. Embora a realidade não se defina através do *Sollen*, não há realidade fora das formas culturais e cognitivas com as quais a determinamos. De acordo com Krijnen (2015, p. 117): “os neokantianos negam que a dualidade comum entre sujeito e objeto, como a relação entre um sujeito empírico e um mundo interno ou externo, seja fundamental para a epistemologia. Eles desenvolvem outro tipo de relação que não apenas se revela mais fundamental, mas também de grande importância para o desenvolvimento de uma filosofia da cultura”. De fato, Müller-Braunschweig parece tentar conjugar esses elementos de análise, *ser* e *dever-ser*, à moda neokantiana. Por fim, cumpre notar que essa discussão já vingava no seio da psicanálise há um tempo. Cf. Freitas Pinto e Padovan (2020) e Padovan (2024).

Gostaríamos agora de abordar a segunda questão colocada, relativa ao tema da relação da psicanálise com a filosofia, a saber, até que ponto pode a psicanálise dizer algo sobre o filósofo e sua filosofia tomando-os como objeto de investigação?

A proposta de uma pesquisa psicológica sobre a gênese da filosofia e de sua obra não é nova.

De saída, deve-se dizer que não é possível deduzir da condição genética de uma filosofia, nem a veracidade, nem a falsidade de suas concepções, pois isso só pode ser verificado a partir do próprio objeto da filosofia. A observação genética e, portanto, psicanalítica do filósofo e da filosofia poderá nos levar tão somente a compreender o porquê de o filósofo em questão ter chegado a determinado pensamento e não a outro. Pode ser que eventuais derivas no desenvolvimento de sua libido tenham sido necessárias, levando-o a determinadas sofisticações em seu conhecimento, às quais não teria chegado caso tivesse um desenvolvimento sem percalços.

O filósofo se distingue por se afastar da pluralidade de objetos e das ciências particulares voltando-se às questões mais gerais e últimas. O que se dá a partir daí? Ele se afasta “deste” mundo. Desde mundo “sensível” e da sua pluralidade. A razão última para isso é seu conflito com o “sensual” *par excellence*, a libido. Ele precisou se afastar disso e, na sequência, se afastar do mundo em geral. A principal etapa crítica é ainda aqui o Complexo de Édipo. A prova dessa afirmação se encontra na prática analítica, conduzidas por psicanalistas com pacientes de orientação filosófica.

Uma pesquisa psicanalítica sobre grandes autores da história da filosofia se defronta naturalmente com dificuldades quando comparada à análise de objetos vivos. Neste caso, o psicanalista dispõe apenas de material biográfico, com base no qual os desenvolvimentos inconscientes podem ser reconstruídos apenas de maneira teórica, não podendo ser diretamente evocados e tornados conscientes como nos vivos.

Podemos constatar a partir da prática analítica que em cada filósofo participa o que nós chamamos de introversão [*Introversion*], isto é, o afastamento da libido dos primeiros objetos amorosos e seu alinhamento [*Anheftung*] com imagens de fantasia deles, nas “imagens”. O mesmo vale para o artista. Da introversão, um dos caminhos conduz à neurose, mas o outro, por meio da possibilidade de objetivar o mundo dos pensamentos em obras escritas ou orais e de comunicá-lo a seus pares, leva de volta ao objeto, ao outro [*Du*], de uma nova maneira sublimada, evitando total ou parcialmente o caminho da neurose.

Existe assim uma grande variação combinatória [*Mischungsverhältnis*] entre, por um lado, performance intelectual avantajada e saúde e, por outro lado, neurose, perversão e malformação caracteriais [*Charakterverbildung*].

O emprego direto da libido pode permanecer mais ou menos forte ao lado de um intenso “recalque”, o qual significa apenas uma inacessibilidade das representações e dos impulsos para a consciência, e não o desaparecimento da própria pulsão. Esse emprego ocorre frequentemente sob a forma de comércio com um objeto que não é valorizado, mas sim desvalorizado enquanto objeto *amoroso*, uma vez que a própria excitação amorosa, sensual e terna, pertence às imagens familiares inconscientes.

A pressão exercida pela libido eternamente não descarregada, apartada da consciência, conduz sempre e novamente ao mundo “não sensível”.

A psicanálise do filósofo inclui ainda a revelação de um componente de *poder*. Ele procura conquistar o mundo. E isso pela via do conceito. Mas não deve conquistá-lo em sua plenitude *sensual*, deve tentar apreendê-lo com conceitos não-sensuais, com os conceitos mais gerais. Não foi capaz de submeter a sua *libido* ao seu domínio, tendo que compensar esta carência [*Mangel*] adquirindo outro domínio. Não se trata de uma desvalorização do filósofo, o seu valor específico se assenta nesta carência.

Aquele que se familiarizou com a ideia de que a gênese de um fenômeno não diminui em nada seu valor pode talvez ouvir sem indignação ou riso de desprezo que a análise prática do filósofo pode constatar como a busca pelas verdades últimas e ocultas se enraíza em seu passado precoce, mas decisivo, nos intensos desejos infantis de ver os órgãos genitais de seus pais e de descobrir os segredos da concepção e do nascimento.

Com estas referências aos resultados da psicanálise do filósofo, admitimos que não é fácil reconhecê-los sem verificação experimental. Não poderá ser desenvolvida aqui a questão sobre que fatores devem ser adicionados ao destino da libido na primeira infância, acima descrito, para que se produza uma neurose em um caso, um filósofo em outro, um artista em um terceiro, além da questão de saber até que ponto o fator constitucional da vocação específica deve ser considerado corresponsável.

Por fim, gostaria de voltar brevemente à relação entre o determinismo psicanalítico e a liberdade:

Somos da opinião de que a contradição entre causalidade e liberdade é apenas aparente e que – na esteira de *Kant* – ela pode ser eliminada reconhecendo os dois pontos de vista necessários: o causal e o “inteligível” [*intelligible*]. Por sua vez, relação deste mundo “inteligível” com um mundo transcendente não nos parece necessária. Ela esgota-se no universo intelectual das relações culturais.

O fato de as ideias morais e estéticas pelas quais nos orientamos terem elas mesmas *se tornado* (causalmente falando) não diminui a possibilidade e a validade do segundo ponto de vista. O fato de os imperativos da consciência moral serem originalmente imperativos externos, provenientes dos *mais poderosos* (“pai da horda”), não lhes retira o valor enquanto ideias constitutivas de uma convivência humana que deve ser valorizada.

A ideia de autonomia moral conserva o seu valor inteligível imanente, mesmo que (causalmente falando), como todo o resto, decorra da *necessidade* e de algo de menor valor.

Consideremos um outro aspecto: a ideia, sempre em expansão, da determinação contínua de todos os eventos é, ela própria, um “valor”. Significa a *apreensão* conceitual cada vez maior dos eventos, neste caso, dos eventos psíquicos [*psychisches Geschehen*]. Em vez de se pôr em xeque a “liberdade” de ação, ela é aqui promovida: o que eu *conheço*, posso controlar. O que está para além do meu conhecimento, o inconsciente, não posso controlar. Somente o maior conhecimento das minhas inúmeras dependências já me torna mais independente. “Saber é poder” [*Wissen ist Macht*] aplica-se não só ao *exterior*, mas em maior medida ao *interior*.

É claro que neste ponto precisamos refletir e conservar certa modéstia. Não é verdade que o ser humano se torna mais livre apenas através da investigação conceitual. Houve e há pessoas para as quais “Deus dá enquanto se dorme”¹⁹. Elas têm, por assim dizer, um “saber inconsciente”. Elas não precisam, tal como o investigador, esmiuçar laboriosamente os domínios do inconsciente e torná-los conscientes para controlarem a si próprias e às suas vidas. No entanto, falta-lhes o saber consciente, conceitual, que o investigador adquire e que só a ele pertence, embora possuam um outro deleite, um sentimento inconsciente de segurança em todas as situações da vida, uma faculdade instintiva – não saberia exprimir de outra forma – baseada no conhecimento inconsciente, para compreender a vida e torná-la frutífera e valiosa para si e para os outros.

¹⁹ A expressão idiomática “*Gott im Schlafe gibt*” origina-se do Salmo 127:2: “*Denn seinen Freunden gibt er's im Schlaf*”. Conforme *Die biblische Sprichwörter der deutschen Sprache* (1860), Lutero traduziu “*Cum dederit dilectis suis somnum*”, substituindo *somnum* por *im Schlafe* devido à sua familiaridade com o provérbio alemão contemporâneo. Assim, na cultura alemã, a expressão transcende o domínio religioso e é frequentemente empregada para descrever situações em que alguém recebe algo benéfico ou alcança sucesso sem esforço consciente, em alusão a um presente concedido durante o sono (Steger, 1998, p. 275). Equivale ao provérbio português “cair do céu” ou à expressão inglesa “to have something fall into one’s lap”. O provérbio foi também explorado nos epigramas *Xenien* de Goethe e Schiller, nos quais se lê: *Jahrelang bildet der Meister und kann sich nimmer genughun, / Dem genialen Geschlecht wird es im Traume beschert!* (Por anos, o mestre trabalha e nunca consegue se satisfazer; / À geração genial, é concedido em sonho!) (Schiller, 1797, p. 281).

Deste modo, não precisamos elevar o filósofo ao ápice da humanidade²⁰. Mas ele conserva o seu valor inalterável e único, mesmo se este, como todas as coisas boas, nasceu de uma necessidade, da necessidade dos conflitos da primeira infância com o poder central da libido²¹.

Referências

- Aristóteles. (2024). *Metafísica* (Trad. V. C. Moreira). Petrópolis: Vozes.
- Bericht über den VIII. Internationalen Psychoanalytischen Kongress (21. bis 23. April 1924 in Salzburg). (1924). *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 10, 211-223.
- Bréhier, E. (1925). Les postulats de l'histoire de la philosophie. *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, 100, 48-78.
- Centi, B. (2015). The validity of norms in Neo-Kantian ethics. In: N. De Warren e A. Staiti (Orgs.). *New approaches to Neo-Kantianism* (pp. 127-146). Cambridge: Cambridge University Press.
- Falzeder, E. e Hermanns, L. M. (Orgs.). (2009). *Sigmund Freud/Karl Abraham. Briefwechsel 1907-1925* (Band I). Wien: Turia + Kant.
- Freitas Pinto, W. C. e Padovan, C. (2020). James J. Putnam e as origens do diálogo entre filosofia e psicanálise: apresentação, tradução e notas de *Um apelo para o estudo de métodos filosóficos na preparação para o trabalho psicanalítico* (1911). *Modernos & Contemporâneos – International Journal of Philosophy*, 3(6), 305-332.
- Freud, S. (1898). Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit. *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 4(6), 436–443.
- Freud, S. (1907). Der Wahn und die Träume in W. Jensens Gradiva. In: S. Freud. *Sigmund Freud: Studienausgabe* (v. 10, pp. 9-85). Frankfurt am Main: Fischer, 1969.

²⁰ Georg Simmel, sociólogo alemão fortemente influenciado pelo neokantismo, abre uma de suas influentes obras, *Hauptprobleme der Philosophie* (1910), definindo o filósofo como o indivíduo “que possui o órgão receptivo e reativo para a totalidade do ser”, ou seja, que “de algum modo tocado por essa totalidade e responde a ela intelectualmente” (Simmel, 1996, pp. 16-17); De acordo com Simmel (1996), o que se revela crucial nas proposições filosóficas não é a correspondência a um objeto, em qualquer acepção que este possa assumir, mas a expressão autêntica do ser do filósofo, enquanto manifestação de um tipo humano específico. Uma noção que, segundo Staiti (2015, pp. 30-32), entra em conflito com a ideia de *Weltanschauung* de Rickert, já que este defende que a *Weltanschauung* seria produzida pela filosofia e não expressa por esta (ou pelo filósofo). Müller-Braunschweig, para além de confrontar a ideia de filósofo como ápice da humanidade, coloca em questão tanto seu valor como procurar explorar sua gênese através da psicanálise.

²¹ Lembramos que neste mesmo ano de 1925, o filósofo francês Émile Bréhier havia publicado na *Revue philosophique* seu artigo programático sobre *Os postulados da história da filosofia*. Neste trabalho, Bréhier afirma que a filosofia nasce entre os gregos como uma forma de “metafísica superior”, por oposição ao pensamento primitivo dos ditos “povos bárbaros”. Cf. E. Bréhier (1925). Les postulats de l'Histoire de la Philosophie, *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, 100, 48-78. O texto corresponde à introdução de sua obra *História da filosofia*, cujo primeiro dos três volumes será publicado no ano seguinte, em 1926. Tratava-se de um lugar comum nos meios filosóficos da época e que, visivelmente, será questionado por diferentes no interior do movimento psicanalítico, dentre eles Carl Müller-Braunschweig.

- Freud, S. (1913). Weitere Ratschläge zur Technik der Psychoanalyse. I. Zur Einleitung der Behandlung. *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, 1(1), 1-10; 1(2), 139-146.
- Freud, S. (1914). Zur Einführung des Narzißmus. In: S. Freud. *Sigmund Freud: Studienausgabe* (v. 3, pp. 37-68). Frankfurt am Main: Fischer, 1975.
- Freud, S. (1923). Psychoanalyse. In: M. Marcuse (Dir.). *Handwörterbuch der Sexualwissenschaft: Enzyklopädie der natur- und kulturwissenschaftlichen Sexualkunde des Menschen* (pp. 377-383). Bonn: A. Marcus & E. Webers.
- Hoffmann, K. (1921). Müller-Braunschweig, Carl: Über die Schwierigkeiten in der Aneignung der Freudschen Psychoanalyse. *Zeitschrift für Sexualwissenschaft*, 8, 238. (Trabalho original publicado em 1920 em *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, 35).
- Kim, A. (2015). Neo-Kantian ideas of history. In: N. De Warren e A. Staiti (Orgs.). *New approaches to Neo-Kantianism* (pp. 127-146). Cambridge: Cambridge University Press.
- Krijnen, C. (2015). Philosophy as philosophy of culture? In: N. De Warren e A. Staiti (Orgs.). *New approaches to Neo-Kantianism* (pp. 111-126). Cambridge: Cambridge University Press.
- Müller-Braunschweig, C. (1920). Über die Schwierigkeiten in der Aneignung der Freudschen Psychoanalyse. *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, 35, 971.
- Müller-Braunschweig, C. (1920a). Psychoanalyse und Moral. *Geschlecht und Gesellschaft*, 10, 217-227.
- Müller-Braunschweig, C. (1925). Über das Verhältnis der Psychoanalyse zur Philosophie: Vortrag auf dem Fünften Internationalen Kongreß für Philosophie. *Imago*, 11, 1-13.
- Müller-Braunschweig, C. (1930). Psychoanalyse und Weltanschauung: Vortrag auf der Tagung der Deutschen Psychoanalytischen Gesellschaft in Dresden am 29. September 1930. *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik*, 4, 345-355.
- Oakes, G. (1988). *Weber and Rickert: Concept formation in the cultural sciences*. Massachusetts: MIT Press.
- Padovan, C. (2024). Carl Müller-Braunschweig's contributions to the philosophical reception of psychoanalysis in Germany in the 1920s. *Critical Hermeneutics*, 8(2), 283-303.
- Páez, J. B. (2023). *Wilhelm Windelband's historical philosophy: The path from Neo-Kantianism to Neo-Hegelianism*. Baden-Baden: Georg Olms Verlag.
- Schiller, F. (Org.). (1797). *Musen-Almanach für das Jahr 1797*. Tübingen: J. G. Cotta'schen Buchhandlung.

- Schulze, C. (Org.). (1860). *Die biblischen Sprichwörter der deutschen Sprache*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Simmel, G. (1996). Hauptprobleme der Philosophie. In: G. Simmel. *Gesamtausgabe* (v. 14). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Spitteler, C. (1906). *Imago*. Stuttgart: Cotta.
- Staiti, A. (2015). The Neo-Kantians on the Meaning and Status of Philosophy. In: N. De Warren e A. Staiti (Orgs.). *New approaches to Neo-Kantianism* (pp. 19-38). Cambridge: Cambridge University Press.
- Steger, H. (1998). *333 biblische Redensarten*. Augsburg: Pattloch Verlag.
- Sztern, M. (1924). Bericht über den V. Internationalen Philosophischen Kongress in Neapel. *Kant-Studien*, 29, 591–613.
- Überweg, F. e Österreich, T. (1923). *Grundriß der Geschichte der Philosophie: Die Deutsche Philosophie des 19. Jahrhunderts und der Gegenwart* (Band 4). Berlin: Mittler.
- Winograd, M. (2007). Disposição e acaso em Freud: uma introdução às noções de equação etiológica, séries complementares e intensidade pulsional no momento. *Natureza Humana*, 9(2), 299–318